



LEO CALDAS

PERDA QUASE TOTAL Rivânia e a avó Maria Ivone: os estudos se salvaram

OS LIVROS ANTES DE TUDO

A foto de Rivânia Silva, 8 anos, carregando livros em uma jangada durante uma enchente em Pernambuco comoveu o Brasil. A avó Maria Ivone da Silva, 67 anos, explica o amor da neta pela leitura

Onde a senhora estava quando começou a enchente? Eu estava sozinha com a Rivânia em casa. Nós moramos perto do rio. Choveu o tempo todo nos dois dias antes da enchente, e o nível subiu. Acordamos com a água na porta da nossa casa. Percebi que não tinha mais jeito quando a água estava na altura da cintura da Rivânia. Disse a ela que precisávamos sair dali. Mandeí ela pegar suas coisas mais importantes e ir para a casa de uma amiga que mora longe do rio. Ela separou em uma mochila apenas os livros da escola e subiu na

jangada de um vizinho, que a levou para longe.

Por que ela quis salvar só os livros? Ela é muito estudiosa. Sempre gostou de ler, escrever. Raramente falta à escola. Tem dias em que eu até peço que ela falte, quando está doente ou quando faz frio, mas não adianta. As aulas, que foram suspensas por causa do volume da água, voltaram nesta semana. Ela ficou muito feliz porque não gosta de ficar sem aula.

De onde veio essa vontade de estudar? Dela própria. Ela sempre

gostou de livros, desde que a mãe lia para ela quando era criança. Agora, a mãe não mora mais com a gente. Vive com os outros quatro filhos. Mas, sempre que pode, vem aqui ver a filha.

A senhora imaginou que a foto da sua neta com os livros em uma jangada teria tanta repercussão na internet? Nunca. Nem eu nem ela. Para a Rivânia, aquela atitude foi normal. Os livros eram o que ela tinha de mais importante. Não queria que eles se estragassem com a água. É óbvio que ela sente falta dos calçados e das roupas que tinha, mas está muito feliz porque os livros estão a salvo e secos.

O que vocês perderam com a enchente? Tudo. Não sobrou nada. O único objeto que restou foi a geladeira, mas não funciona mais. O resto foi levado pela água: cama, televisão, guarda-roupa, sapatos e até uma máquina de costura. A única coisa que tem dentro da minha casa é lama.

Como vocês estão vivendo depois de tantas perdas? Não temos dinheiro para comprar nada de volta. Ou você come ou você coloca as coisas dentro de casa. Preferimos comer. A sorte é que a vizinhança nos ajuda muito. As pessoas aqui são muito simples, humildes. A maioria das famílias sobrevive da pesca. Meu marido é pescador e, no dia da enchente, salvou muita gente com o barco dele. Dizem que pobre não pode dar muita coisa, mas a gente dá o que tem. E é isso que estamos fazendo, lutando com todas as nossas forças para sobreviver e dar a volta por cima. Recebemos doações de muitas pessoas que nem conhecemos. Já a prefeitura de São José da Coroa Grande, até agora, não fez nada. ■

Eduardo F. Filho